

A Palavra, o mais puro fenômeno ideológico:

OS USOS preconceituosos da metáfora animal no Português do Brasil

ELISABETH CRISTINA ALVES MARQUES

UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Os falantes de Português Brasileiro (PB), muitas vezes, entendem as diferenças de seres humanos sobre orientação sexual, gênero, peso, raça, altura etc. em termos de animais. É bastante comum na língua portuguesa, ainda que com todas as suas variedades no Brasil, encontrar metáforas que apresentam: homens homossexuais ou entendidos assim pela sociedade como veados; mulheres mais ativas e diversificadas sexualmente como piranhas; pessoas que estão acima do peso estipulado ideal como baleias; pessoas pretas como macacos; pessoas que estão acima da altura estipulada ideal como girafas etc. Dada a força cognitiva e social da metáfora na nossa compreensão do mundo e de nós mesmos, essas associações com animais através dos usos não literais dos seus nomes oferecem uma possibilidade de entender o papel atribuído a esses grupos de seres humanos na sociedade brasileira. As pessoas que são o assunto das metáforas tendem a ser vistas como inferiores e subordinadas ao homem cisgênero, heterossexual, branco e rico que é entendido como o *eu* enquanto todos os seus diferentes são entendidos como o *outro*.

Palavras-chave: cognitivismo; metáforas de animais; preconceitos; especismo.

ABSTRACT

Brazilian Portuguese speakers often understand human differences in sexual orientation, gender, weight, race, height etc. in terms of animals. It is quite common in the Portuguese language, even with all its varieties in Brazil, to find metaphors that present: homosexual men or understood by society as deer; more sexually active and diverse women like sluts; people who are above the stipulated ideal weight, such as whales; black people like monkeys; people who are above the stipulated ideal height, such as giraffes etc. Given the cognitive and social force of metaphor in our understanding of the world and ourselves, these associations with animals through the non-literal uses of their names offer a possibility of understanding the role attributed to these groups of human beings in Brazilian society. The people who are the subject of the metaphors tend to be seen as inferior and subordinate to the cisgender, heterosexual, white, rich man who is understood as the self while all his differenters are understood as the other.

Keywords: cognitivism; animal metaphors; prejudices; speciesism.

1. INTRODUÇÃO

Considerando-se que os fenômenos linguísticos refletem os aspectos da cognição humana, as metáforas fornecem as evidências das associações conceituais que se estabelecem para além dos usos metafóricos individuais, revelando a palavra como o mais puro fenômeno ideológico. Os padrões de conceptualização metafórica interagem com os aspectos socioculturais, de modo que as relações entre metáfora, sociedade

e cultura têm ocupado patamar privilegiado entre o que é desenvolvido na área. Através de palavras, as pessoas expressam uma visão do mundo.

Consequentemente, isso também se faz através de metáforas, sendo esse um dos principais mecanismos que contribuem para a difusão e o enraizamento das crenças populares. Na maioria das instanciações metafóricas, há um componente ideológico que reflete um preconceito por parte de uma comunidade de fala em relação à outra. A transmissão de preconceitos favorece determinados grupos sociais que são considerados normativos em detrimento daqueles que são considerados não normativos. Nessa perspectiva teórica adotada, o presente trabalho apresenta a proposta de investigar alguns usos preconceituosos da metáfora SER HUMANO É ANIMAL no Português Brasileiro (MARQUES, 2022).

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, é apresentada a proposta da Linguística Cognitiva com relação aos processos figurativos. Na subseção 2.1, destacam-se os metafóricos. Já na subseção 2.2, destacam-se os metonímicos.

2.1. Metáfora

Pela tradição, a metáfora é considerada uma maneira especial do discurso, típica da linguagem literária. Contudo, a partir da publicação do livro *Metaphors we live by* (LAKOFF e JOHNSON, 2003 [1980], p. 3), a metáfora passou a ser tratada como um processo essencial da linguagem cotidiana. Os autores fornecem uma série de evidências do caráter rotineiro das metáforas, inclusive no pensamento e na ação: "Nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza" (*Ibid.*, p. 3).

A metáfora é um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Mais especificamente, o processo metafórico consiste na correspondência entre um domínio-fonte, mais concreto, e um domínio-alvo, mais abstrato (FERRARI, 2011, p. 92). Alguns exemplos de metáforas são: (1) falar/escrever metaforicamente sobre o conceito de AFETO em termos de TEMPERATURA; e (2) falar/escrever metaforicamente sobre o conceito de AFETO em termos de ESPAÇO. Os exemplos, a seguir, ilustram o processo cognitivo de projeção entre domínios.

- (1) O diretor é uma pessoa fria.
- (2) Ele é bastante inacessível.

No exemplo (1), o domínio-fonte é a TEMPERATURA enquanto o domínio-alvo é o AFETO. O traço selecionado no domínio-fonte é o de "ser frio" enquanto o traço correspondente no domínio-alvo é o de "ser insensível". No exemplo (2), o domínio-fonte é o ESPAÇO enquanto o domínio-alvo é o AFETO. O traço selecionado no domínio-fonte é o de "local inacessível", enquanto o traço correspondente no domínio-alvo é o de "pessoa não afetuosa".

Em suma, as metáforas como expressões linguísticas são possíveis porque há projeções metafóricas no sistema conceptual humano. As metáforas são analisadas como relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios conceptuais (LAKOFF e JOHNSON, 2003 [1980]). Ao retratar uma situação no domínio-alvo, a estrutura conceptual e a linguagem do domínio-fonte são usadas nas metáforas (FERRARI, 2011, p. 97).

Por fim, destaca-se outro aspecto apontado na literatura, que é o fato de que os processos metafóricos são perspectivados, envolvendo sempre o estabelecimento de um ponto de vista. A metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que distintos modos de conceber os fenômenos particulares estão associados a distintas metáforas específicas (FERRARI, 2011, p. 91).

No livro *Figurative language*, Dancygier e Sweetser (2014, p. 10) enfocam o fenômeno, exemplificando-o com expressões metafóricas de raiva. As autoras ressaltam que o uso de termos, como 'estourar' e 'explodir', para manifestar a raiva extrema sugere o ponto de vista de ouvintes ou de espectadores da cena. Afinal, é mais natural adotar o ponto de vista de outras pessoas do que de objetos explosivos. No caso, há também uma avaliação emocional negativa, na medida em que explosões são prejudiciais e perigosas para aqueles que as presenciam.

2.2. Metonímia

A noção de ponto de vista também é relevante para outros processos figurativos, como os metonímicos. Pela tradição, a metonímia é classificada como um deslocamento do significado. Nessa transferência, um termo utilizado para designar determinada entidade passa a designar uma entidade contígua (ULLMANN, 1957).

Os estudos em semântica cognitiva, entretanto, argumentam que a metonímia não é um fenômeno apenas linguístico, pois ocupa lugar central nos nossos processos cognitivos. Por sua vez, a contiguidade é estabelecida em termos de associação na experiência (LAKOFF e JOHNSON, 2003 [1980]; TAYLOR, 2003; FERRARI, 2011). No livro *More than cool reason*, Lakoff e Turner (1989) sugerem que a projeção metonímica envolve só um domínio, ao contrário da metáfora que envolve dois.

Contribuições posteriores propuseram o envolvimento de projeção entre domínios no processo metonímico. Todavia, os domínios precisam se caracterizar como subdomínios de um mesmo domínio-matriz. No artigo *The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies*, Croft (1993) afirma que a metonímia promove o realce de um domínio específico no âmbito de um domínio-matriz complexo e abstrato, estruturado por um único Modelo Cognitivo Idealizado.

O que distingue a metáfora é o fato de envolver projeção entre dois domínios que não são partes de um mesmo domínio-matriz. Em um determinado contexto, a metonímia focaliza a informação significativa da caracterização enciclopédica do domínio-matriz (FERRARI, 2011, p. 102-103). Como exemplos de sinédoque, fenômeno tratado como caso de metonímia, em que se toma a parte pelo todo, apresentamos duas frases.

(3) Há várias *mentes* capazes na Faculdade de Letras.

(4) Estou vendo muitos *rostos* novos nesta sala.

As palavras 'mentes' e 'rostos' destacam aspectos distintos no domínio-matriz [PESSOA], pois cada parte do corpo é associada a distintas qualidades e comportamentos humanos. A sinédoque focaliza a parte (a informação) significativa de um todo para a predicação. Assim, a palavra 'mentes', no exemplo (3), destaca a inteligência das pessoas, enquanto a palavra 'rostos', no exemplo (4), destaca as pessoas em si.

Como apontado anteriormente, de forma análoga à metáfora, a metonímia é perspectivada e envolve sempre um ponto de vista. Como enfocam Dancygier e Sweetser (2014, p. 101), na sentença "Duas cabeças pensam melhor do que uma", a expressão "duas cabeças" refere-se, metonimicamente, a "duas pessoas". Trata-se de uma metonímia parte-todo que adota o ponto de vista da capacidade intelectual das pessoas, e não – por exemplo – da capacidade física.

3. METODOLOGIA

O objeto de estudo deste trabalho é a investigação de alguns usos preconceituosos da metáfora SER HUMANO É ANIMAL no PB, que envolve a conceptualização de seres humanos como animais. O *corpus* selecionado para análise reúne dados retirados da rede social X (antes, chamada de *Twitter*), de 2021 a 2024. A escolha do *corpus* objetivou a obtenção de dados reais de uso, que refletem a utilização de linguagem informal, não monitorada, semelhante à oralidade em contextos de intimidade.

Foram escolhidos cinco animais para a análise. A escolha das instanciações foi feita com base na relação que se pode estabelecer entre esses animais e preconceitos socialmente identificados. São eles: homofobia (veado), machismo (piranha), gordofobia (baleia), racismo (macaco[a]) e altismo (girafa). Como será descrito na análise, as metáforas envolvem a projeção de traços comportamentais ou físicos dos animais, no domínio-fonte, para os seres humanos, no domínio-alvo.

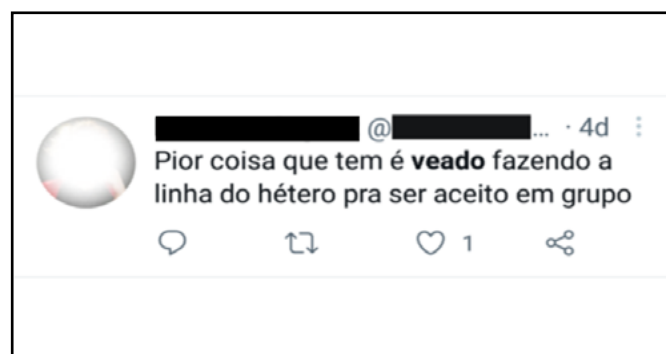
4. ANÁLISE

4.1. A metáfora relacionada à homofobia

Na instanciação metafórica HOMEM CISCÊNERO É VEADO, o domínio-fonte é o cervídeo denominado VEADO, enquanto o domínio-alvo é um HOMEM CISCÊNERO. A partir dos dados retirados da rede social, verificamos que, entre tantos possíveis, o traço selecionado no domínio-fonte e projetado no domínio-alvo é a relação sexual com outros machos, um atributo comportamental. No domínio-alvo, ainda verificamos que o traço correspondente é a homossexualidade, também um atributo comportamental.

Avaliamos a inferência sugerida pela metáfora como depreciativa, tendendo a eleger características que serão negativas no juízo de valor dos falantes/escritores. Logo, o processo cognitivo especifica a metáfora para HOMEM CIS E HOMOSSEXUAL É VEADO. Abaixo, exemplificamos com um dado do *corpus* sobre tal metáfora.

(1)



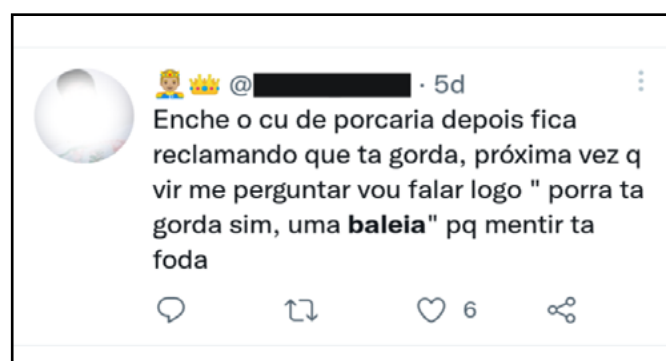
No exemplo (1), o termo 'veado' refere-se, metaforicamente, a homens cis que são entendidos como homossexuais pela sociedade. O exemplo aborda a homossexualidade anônima com o fim de ter o acesso permitido em certos espaços. Apesar de a relação sexual com outros machos ser tratada de forma neutra com relação ao veado, já que o normal para o animal é ter essa atitude em virtude de uma necessidade biológica, isso é julgado como negativo pelos falantes/escritores.

4.2. A metáfora relacionada ao machismo

Na instanciação da metáfora MULHER É PIRANHA, o domínio-fonte é o peixe denominado PIRANHA, enquanto o domínio-alvo é uma MULHER. A partir dos dados retirados da rede social, verificamos que, entre tantos possíveis, o traço selecionado no domínio-fonte e projetado no domínio-alvo é a voracidade alimentar, um atributo comportamental. No domínio-alvo, ainda verificamos que o traço correspondente também é a voracidade, mas a sexual, também um atributo comportamental.

Avaliamos a inferência sugerida pela metáfora como depreciativa, tendendo a eleger características que serão negativas no juízo de valor dos falantes/escritores. Logo, o processo cognitivo especifica a metáfora para MULHER COM VORACIDADE SEXUAL É PIRANHA. Abaixo, exemplificamos com um dado do *corpus* sobre tal metáfora.

(2)



O exemplo (2) revela casos de mulheres com voracidade sexual, abordando a distinção entre o modo como mulheres famosas e mulheres anônimas são rotuladas. Viih Tube que "passa o rodo" é "romantizada" por ser famosa – o que acontece com certas pessoas pela posição privilegiada que ocupam na hierarquia social. Já a "amiguinha solteira do bairro" é associada à piranha por ser anônima. Embora esse uso do termo

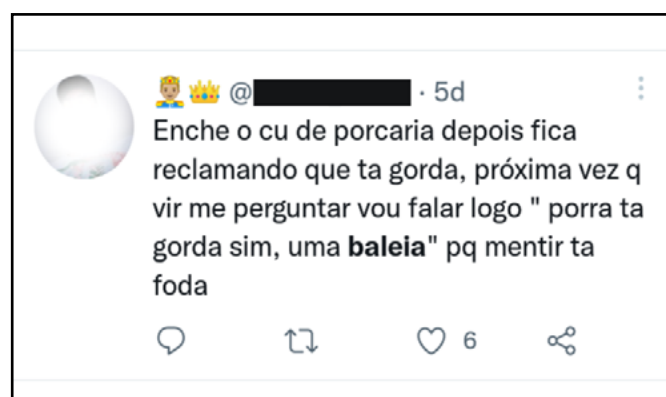
seja pejorativo, repara-se que a piranha, na verdade, é voraz porque exerce papel ecológico importante. Esse é um peixe que retira, do ambiente, animais que não contribuem mais para o ecossistema. Apesar de a voracidade alimentar ser tratada de forma neutra com relação às piranhas, já que é normal para o animal ter essa atitude, isso é julgado como negativo pelos falantes/escritores.

4.3. A metáfora relacionada à gordofobia

Na instânciação metafórica SER HUMANO É BALEIA, o domínio-fonte é uma BALEIA, enquanto o domínio-alvo é um SER HUMANO. A partir dos dados retirados da rede social, verificamos que, entre tantos possíveis, o traço selecionado no domínio-fonte e projetado no domínio-alvo é o peso, um atributo físico. No domínio-alvo, ainda verificamos que o traço correspondente é o peso acima da média, também um atributo físico.

Avaliamos a inferência sugerida pela metáfora como depreciativa, tendendo a eleger características que serão negativas no juízo de valor dos falantes/escritores. Logo, o processo cognitivo especifica a metáfora para HOMEM/MULHER GORDO(A) É BALEIA. Abaixo, exemplificamos com um dado do *corpus* sobre tal metáfora.

(3)



No exemplo (3), o termo 'baleia' refere-se, metaforicamente, a pessoas que estão acima do peso estipulado como ideal. Nele, há o relato de alguém que vê uma pessoa comer muito e mal e que a ouve reclamar do corpo. Até então, o sujeito da metáfora mentia quando era perguntado sobre o corpo da outra pessoa, mas decidiu parar com essa atitude e falar que a outra pessoa é "gorda sim, uma baleia" porque contar mentiras está inviável. No exemplo, o peso acima da média é tratado de forma pejorativa. Apesar de o peso ser tratado de forma neutra com relação à baleia, já que o normal para o animal é ter uma grande medida, esse atributo é julgado como negativo pelos falantes/escritores.

4.4. A metáfora relacionada ao racismo

Na instânciação da metáfora SER HUMANO É MACACO(A), o domínio-fonte é um(a) MACACO(A), enquanto o domínio-alvo é um SER HUMANO. A partir dos dados retirados da rede social, verificamos que, entre tantos possíveis, o traço selecionado no domínio-fonte e projetado no domínio-alvo pode ser o nariz largo, a pele escura e/ou outro traço, atributos físicos. No domínio-alvo, ainda verificamos que o traço correspondente é a raça negra, também um atributo físico.

Avaliamos a inferência sugerida pela metáfora como depreciativa, tendendo a eleger características que serão negativas no juízo de valor dos falantes/escritores. Logo, o processo cognitivo especifica a metáfora para **HOMEM/MULHER NEGRO(A) É MACACO(A)**. Abaixo, exemplificamos com um dado do *corpus* sobre tal metáfora.

(4)



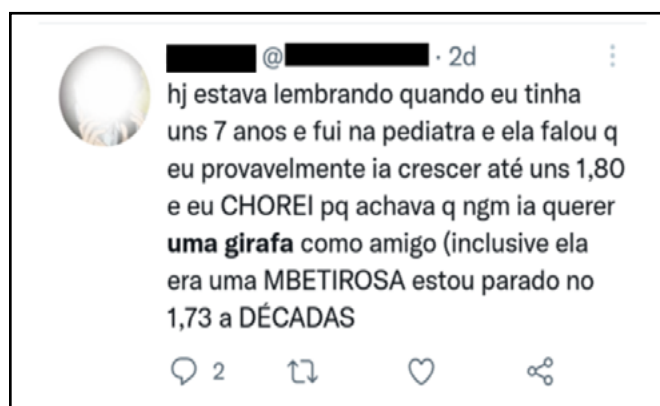
O exemplo (4) revela o caso de uma pessoa negra famosa. Embora esse uso do termo seja pejorativo, repara-se que essa pessoa negra, na verdade, era – de certo modo – invejada porque exercia papel de destaque por estar em um *reality show* de amplo conhecimento. Apesar de o nariz largo e a pele escura, por exemplo, serem tratados de forma neutra com relação ao(a) macaco(a), já que o normal para o animal prototípico é ter esses atributos, isso é julgado como negativo pelos falantes/escritores.

4.5. A metáfora relacionada ao altismo

Na instanciação metafórica **SER HUMANO É GIRAFA**, o domínio-fonte é uma GIRAFA, enquanto o domínio-alvo é um SER HUMANO. A partir dos dados retirados da rede social, verificamos que, entre tantos possíveis, o traço selecionado no domínio-fonte e projetado no domínio-alvo é a altura, um atributo físico. No domínio-alvo, verificamos que o traço correspondente é a altura acima da média, também um atributo físico.

Avaliamos a inferência sugerida pela metáfora como depreciativa, tendendo a eleger características que serão negativas no juízo de valor dos falantes/escritores ao serem projetadas nos seres humanos. Logo, o processo cognitivo especifica a metáfora para **HOMEM/MULHER ALTO(A) É GIRAFA**. Abaixo, exemplificamos com um dado do *corpus* sobre tal metáfora.

(5)



No exemplo (5), o termo 'girafa' refere-se, metaforicamente, a pessoas que estão acima da altura estipulada como ideal. Nele, há o relato de um homem que, ainda criança, em uma consulta com a pediatra,

sofreu com a expectativa de ter dificuldades em encontrar amigos pela possibilidade de alcançar 1,80 m de altura quando adulto. No exemplo, a altura acima da média é tratada de forma pejorativa. Apesar de a altura ser tratada de forma neutra com relação à girafa, já que o normal para o animal é ter uma grande medida, esse atributo é julgado como negativo pelos falantes/escritores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises apresentadas nas subseções anteriores, é possível afirmar que as instanciações da metáfora SER HUMANO É ANIMAL, analisadas neste trabalho, baseiam-se na seleção de traços dos animais que passam a ser julgados negativos ao serem projetados nos seres humanos. Por todos os animais que constituem o domínio-fonte das metáforas investigadas apresentarem uma série de atributos que refletem os papéis necessários nos ecossistemas dos quais participam, a seleção de traços que admitem leitura pejorativa quando projetados nos seres humanos deve ser evidenciada.

Caracterizando essa regularidade, utilizamos o termo “especismo”, definindo-o com o uso da metáfora SER HUMANO É ANIMAL como uma tendência em considerar a espécie dos seres humanos como superior às outras espécies de animais. Aqui, temos a metáfora como propagação de ideologias. Por outro lado, os dados demonstram que as instanciações da metáfora analisadas neste trabalho têm, por objetivo, inferiorizar também determinados grupos sociais com relação a outros. Tendo em mente a contribuição de Lakoff e Turner (1989) sobre a organização hierárquica da “Grande cadeia do ser”, é como se seres humanos dos grupos inferiorizados fossem concebidos como pertencentes à outra “espécie” nas instanciações.

Portanto, as metáforas podem evidenciar casos de homofobia, machismo, gordofobia, racismo e altismo. Nessas metáforas de cunho discriminatório, sobretudo, pessoas se julgam melhores do que outras, igualando-as a animais na tentativa de reduzi-las como se, devido a alguma diferença, esses dois grupos de seres humanos fossem de “espécies” distintas. Assim, é necessário o conhecimento linguístico crítico sobre a escolha de palavras pelo fato de essa escolha ter uma perspectiva.

REFERÊNCIAS

- CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. **Cognitive linguistics**, Berlin, v. 4, n. 4, p. 335-370, 1993.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Figurative language**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 256 p.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 176 p.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2003 [1980]. 256 p.
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. 1. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1989. 230 p.
- MARQUES, Elisabeth Cristina Alves. **A metáfora “PESSOA É ANIMAL” em usos do Twitter: uma evidência de “especismo”?** 2002. 82 p. Monografia (Licenciatura em Letras: Português – Latim) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.
- TAYLOR, John Robert. **Linguistic categorization**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2004 [2003]. 328 p.
- ULLMANN, Stephen. **The principles of semantics**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1959 [1957]. 348 p.